

SOBRE A PRESENTE EDIÇÃO

Este livro reúne cronologicamente vários contos do início da carreira e da maturidade literária de Stanisław Lem, seguindo as edições espanhola *Máscara* (Impedimenta, 2013) e a norte-americana *The Truth and Other Stories* (MIT, 2021). Este conjunto de textos foi publicado pela editora polaca Interart em 1996 e dado também à estampa em 2023 pela editora Wydawnictwo Literackie como o vigésimo terceiro volume das obras completas de Stanisław Lem.

«A Caçada», texto do final dos anos 50, foi encontrado nos arquivos do autor e fez a sua aparição em 2018, na revista polaca *Przekrój*. Uma primeira versão de «O Rato do Labirinto» surgiu na mesma revista em 1956 e foi posteriormente alterada, passando a constar do livro *Dzienniki gwiazdowe* (Diários das estrelas) em 1957. «A Invasão», «A Invasão de Aldebaran», «Escuridão e Bolor», «O Amigo» e «O Martelo» integraram o volume *Inwazja z Aldebarana* (A invasão de Aldebaran), em 1959. «A Fórmula de Lymphater» foi lida pelos leitores polacos em 1961, quando *Księga robotów* (O livro dos robôs) viu a luz do dia, e, dois anos depois, o volume *Noc księżycowa* (A noite da Lua) incluía «Memórias». A colectânea *Niezwyyczajony i inne opowiadania* (O invenível e outros contos), de 1964, apresentava entre outros textos «A Verdade». «A Máscara», escrita em 1974 e publicada no mesmo ano pela revista literária *Kultura*, e «Cento e Trinta e Sete Segundos» integraram *Maska*, em 1976. «O Enigma» (escrito em 1980) foi incluído em *Pożytek ze smoka* (O proveito do dragão), em 1993. A presente tradução teve como base a segunda edição revista de *Maska* (Cracóvia, 2019).

A CAÇADA

(FINAIS DOS ANOS 50)

Já tinha corrido cerca de uma milha, mas ainda não aquecera o corpo. Ali os pinheiros eram mais esparsos. Os seus troncos altos disparavam verticalmente, num ângulo agudo em relação ao declive da encosta velada na escuridão, de onde lhe chegava o som, ora mais suave, ora mais intenso, do curso de um riacho. Ou talvez de um rio. Não conhecia bem aquelas redondezas. Não sabia em que direcção estava a correr. Simplesmente corria. Havia já um bom bocado que deixara de ver nas pequenas clareiras vestígios negros de fogueiras ou restos de embalagens coloridas, pisadas na vegetação rasteira, encharcadas pela chuva e depois secas pelo sol uma e outra vez. Parecia que ali nunca ninguém tinha estado, porque não havia estrada, e as vistas que se escancaravam em espaços abertos não eram interessantes. Floresta por toda a parte, com salpicos verdes de faias, com uma cor cada vez mais escura em direcção aos picos; o único ponto branco que sobressaía era o do interior de troncos de árvores quebradas, que o vento fizera tombar ou que tinham caído de velhice. Sempre que lhe bloqueavam a passagem, aguçava o olhar para ver se valia a pena o esforço de saltar por cima dos troncos ou se seria melhor abrir caminho por baixo deles, entre ramos secos que mais pareciam vassouras.

O céu reluzia além das árvores. Olhou de relance para trás. O seu olhar ressaltou numa sucessão de troncos de árvores, cada vez mais afastados, até se fundirem num chuvisco castanho-cinza. Pôs-se à escuta. Vazio e silêncio equiparavam-se; somente o riacho murmurava invisível — tão distante, que o som lhe chegava de forma intermitente, vagueando pelo ar entre as árvores.

Talvez fosse apenas aquele murmúrio; o vento agora soprava alto — conseguia vê-lo nitidamente ao longe, era capaz de distinguir a agitação dos abetos solitários contra o pano de fundo das nuvens. Quase todo o vale, revestido de uma floresta opaca, se estendia abaixo dele. Num relance, avistou duas ou três rochas calcárias, com os seus pináculos de osso de formas estranhas; ao longe, naquele mar de floresta, nas suas enormes ondas estáticas, conseguia ver manchas escuras que se afundavam — certamente, entradas para cavernas ou grutas.

Sem dúvida alguma, havia caçadas que acabavam assim, porque era a solução mais simples, sem necessidade de correr ou de fazer planos, que, assim como assim, seriam sempre em vão. Afinal de contas, não havia hipóteses. Nenhumas. Então, porque corria ele? Porque é que todos os que o antecederam tinham também corrido daquela maneira, porque é que se tinham precipitado a subir montanhas e a embrenhar-se em florestas, indo para além dos seus limites, entrando em zonas de rochedos e de pinheiros-anões, no interior ainda virgem e selvagem da reserva, porque é que nenhum deles se deixara levar um tiro nas costas ou permitira que lhe esmagassem o crânio sem o esforço daquela fuga, tão desesperada quanto inútil? Não sabia. Mas também não andava à procura de respostas; nem sequer pensava nisso. Uma encosta de erva verdejante erguia-se diante dele, salpicada pelas lantejoulas dos últimos dentes-de-leão da estação, antes de desaparecer na próxima ilha de abetos. Um pássaro soou numa árvore, repetindo insistentemente a sua canção simples. Não fazia ideia do seu aspecto, tão-pouco do seu nome. Bem mais lá em baixo, onde as vertentes se afundavam nas primeiras sombras, serpenteava a fita esbranquiçada de um rio. Atravessar a água? E perder toda a altitude que tinha alcançado... Iriam encontrá-lo, não lhe perderiam o rasto nem por um segundo. Portanto, de volta para a floresta? *Podem acertar-me de longe*, pensou ao contemplar o espaço vazio que o separava do muro de abetos.

Antes de prosseguir com a sua corrida ascendente, ouviu-se a si mesmo no íntimo. O silêncio que reinava dentro de si era ainda maior do que aquele que o rodeava, perturbado que era pelo murmúrio dos ramos das coníferas e por três notas recorrentes do canto de um pássaro. Uma vez mais, olhou para trás, certificando-se de que havia distância suficiente entre si e os seus perseguidores. Foi então que divisou no ponto mais profundo da escuridão da floresta um pequeno movimento.

Saltou para a frente. Não controlava a força que o impulsionava cegamente para diante. Era rotina, não era medo. Ainda não, pelo menos. A correr, trepou uma inclinação íngreme que nenhum ser humano seria capaz de vencer com uma tal rapidez. Não estava ofegante, o coração não lhe galopava no peito, o sangue não lhe latejava nas têmporas; mas algo — não sabia o quê — começou a clamar dentro de si, um lamento fraco mas intensivo, como uma corda subitamente abafada; durou um instante.

Sem saber como, tinha-se metido num sulco entre troncos de árvores, no leito seco de um riacho, ou talvez apenas uma cova sinuosa, cheia de lodo em alguns sítios, lavrada por descargas de chuva. Podia ser que tivesse alguma hipótese com trovoadas e chuva. Pelo menos, de adiar o fim, o qual nem sequer lhe ocupava o pensamento. Continuando a lançar firmemente as pernas para a frente, levantou a cabeça. Não... aquelas nuvens não trariam qualquer tempestade. O tempo estava muito quente, o calor fazia-se sentir até ali, tornando insuportável a humidade da manta morta da floresta. As últimas gotas da tromba-d'água do dia anterior, e que os raios de sol ainda não tinham encontrado, desabavam dos ramos das árvores pela trepidação que ele causava ao correr e caíam-lhe em cima. (Lembrava-se bem daquela chuva, pois, ao ouvi-la tamborilar ritmicamente sobre a cobertura de latão onde se abrigara, ocorrera-lhe que, se continuasse a chover daquela maneira, poderiam adiar a caçada por um dia, talvez dois.) Alguns salpicos de água reluziam momentaneamente como diamantes no seu pulso; não os sacudiu, evaporavam-se

instantaneamente à medida que continuava a correr; a sola metálica de reforço dos pés ressoou com estrondo ao bater numa pedra branca; vacilou, mas conseguiu equilibrar-se de novo sem reduzir a velocidade. O seu ouvido estava agora inteiramente concentrado no que se passava atrás dele. Ainda estavam longe, mas não tão longe que não ouvissem aquele ruído — a floresta transportava-o com certeza livremente pela encosta abaixo até onde as árvores de modo súbito se tornavam escassas.

Achava-se num pequeno cume, rodeado de abetos por três lados. Na distância banhada pelo sol, desenhavam-se as montanhas, achatadas, azuladas, com manchas brancas de neve e novelos de nuvens agarrados aos seus picos.

A encosta larga, coberta de ervas, descia suavemente até entrar de novo na floresta. Parou apenas por dois segundos, e ouviu de imediato os seus perseguidores. Reconheceu a voz de Menor, um ladrar de cana rachada, feroz e hesitante. Não tinha medo dos cães — não lhe podiam fazer nada, mas cães significavam pessoas. Odiava-os? Talvez pudesse tentar, se tivesse tempo. Fosse como fosse, não importava.

Ao olhar de novo para as montanhas, ocorreu-lhe que aquela poderia ser a última vez que as via, e apesar de nunca lhes ter dado grande importância, apesar de não as conhecer, de nunca lá ter estado nem de alguma vez ter procurado no meio das rochas, só agora, através deste pensamento, como que por ricochete, se consciencializara de que lhe restavam ainda minutos, horas na melhor das hipóteses, para ver, ouvir e andar, e que era esta a verdade. Sentiu um mercúrio frio e brilhante inundar-lhe o peito, e continuou a correr.

Alcançou uma velocidade verdadeiramente inacreditável — nunca correria assim. Dava saltos de quatro ou cinco metros, arremessava-se pelo ar, voava sobre as ervas, aterrava com a sombra encolhida a seus pés e, nesse mesmo instante, preparava-se para o próximo salto. Seria possível alguém correr daquela maneira? Sentia a pressão nas têmporas, faíscas a pulsarem-lhe

nos olhos e, no peito, um calor que, embora não anunciasse ainda a inconsciência, era vil e não natural.

As articulações estalavam-lhe, as ferraduras dos pés estilhaçavam a erva, atirando pedaços para longe a cada salto que dava; sabia que devia abrandar, porque estava a perder o controlo sobre a força de aceleração que o embalava, mas não podia, ou então não queria — o que era a mesmíssima coisa.

Dali via toda a paisagem — o prado íngreme, as florestas negras em forma de meia-lua, a cordilheira azulada entre as nuvens —, tudo se erguia e descaía ao ritmo dos seus saltos, que iam conquistando espaço; já nem sequer sentia o esforço, já não sabia se estava mesmo a correr ou se estava suspenso numa ausência de movimento; talvez fosse o mundo, refém de uma força desconhecida, em terríveis espasmos, em violentos soluços, que estivesse a fugir, a vacilar, a balançar ao ponto de se sentir nauseado. Com os pés a espriar-se sobre um cascalho branquíssimo, queimado pela incidência do sol, caiu de cabeça, aos tombos, às cambalhotas, batendo desesperadamente com os braços e as pernas contra o entulho que voava com ele. Quando finalmente parou, no meio de um turbilhão de poeira, semiajoelhado, estava coberto de um pó esbranquiçado, calcário. Somente nos joelhos e nas articulações das ancas aquele pó fino e branco escurecia rapidamente, como se estivesse sob o efeito de transpiração. *Como um cavalo que galopou uma longa distância por uma estrada empoeirada*, pensou, enquanto se punha de pé titubeante.

Ficou surpreendido ao ver quão acima de si estava o pico, de onde descera a uma velocidade vertiginosa. *Já ganhei alguma vantagem*, pensou. E, para não a perder, continuou a correr.

Entre as árvores, a superfície da água emitia um brilho sombrio, qual espelho sem luz. Automaticamente, olhou à volta em busca de banhistas. Corria cada vez mais devagar, cada vez mais silenciosamente; ali cresciam abetos gigantes, entre os quais fora montado um acampamento; dali conseguia ver os pontos onde tinham sido fincadas as estacas das tendas, as marcas à beira do

pequeno lago onde um barco fora arrastado para fora, bem como os restos de uma plataforma de desembarque feita de segmentos dourados e vermelhos. Mas, além destes vestígios, não havia sinal de pessoas. Inclinou-se para a frente, aumentando a velocidade. Cerca de um quarto de milha mais adiante, saltou com extrema agilidade por cima de uma área de enormes pedregulhos, ali assentes num passado remoto devido ao desmoronamento de uma ravina da montanha, deixando apenas vagos vestígios na sua superfície a indicar o sítio onde ganhara impulso para o próximo salto; logo a seguir a este troço pedregoso, deu por si numa área em que o vento derrubara várias centenas de árvores de grande porte, as quais, encostadas umas às outras, eram há muito consumidas pela podridão, embora em algumas delas a casca ainda estivesse agarrada aos troncos, que pareciam sólidos e saudáveis; porém, a profusão de teias de aranha cinzentas nos ramos devia ter-lhe servido de aviso, pois acabou por pousar levemente o pé num destes gigantes, levando o tronco a ceder com suavidade e, quase sem ruído, a dissolver-se numa polpa de cogumelos — já ele, afundou-se quase até à anca. Lutou para sair dali a todo o custo. Não era fácil tirar as pernas daquele aperto; o impulso era forte, mas tinha de contar também com o seu peso — porém, encolhido, ao recuar, arrastando o tronco a pingar atrás de si, conseguiu, por fim, soltar-se, e continuou a correr.

Acima das últimas árvores, junto a um grande prado, erguia-se um poste de metal. Olhando à direita e à esquerda, apercebeu-se de que estava diante de uma linha de alta tensão. Uma passagem entre montanhas cruzava-se à sua frente, descendo em direcção às longínquas planícies azuladas.

Correu para o poste mais próximo e pôs-se atrás da sua rede, de frente para a vasta encosta — a qualquer momento, as silhuetas dos seus perseguidores deveriam aparecer por cima do seu poleiro de rocha. Algo devia tê-los detido pelo caminho, não conseguia sequer ouvir os latidos ofegantes da matilha. Se o perseguissem utilizando apenas os dispositivos localizadores,

estaria, pelo menos temporariamente, invisível, porque a rede protegê-lo-ia dos seus raios. Mas também havia cães, e estes eram guiados pelo faro.

Sentia o calor inundar-lhe todos os membros, como se estes se enchessem de chamas no interior. O fogo causado pelo esforço espasmódico da corrida, até aí levado por um vento frontal para longe, chegava agora à superfície do seu corpo. Afastou as pernas, estendeu os braços e agarrou-se à rede metálica, como que a tentar livrar-se o mais possível daquele calor assassino, libertando-o não só para o ar que o rodeava, mas também para a estrutura de metal. A qualquer momento, aguardava aquela visão que tão bem conhecia, porque já tinha participado em algumas daquelas caçadas — cinco, para ser exacto —, das quais fora testemunha e não protagonista, pois fora levado para aprender. Era suposto ser uma perseguição em condições naturais e primitivas, como se faz com animais, só que não havia animais — era proibido fazer-lhes mal, com vista a protegê-los da extinção definitiva. Usavam apenas cães e localizadores; também traziam propulsores às costas, em forma de mochila, mas usavam-nos com moderação, para equilibrar as hipóteses.

Não havia silhueta que assomasse no cimo da montanha — pelos vistos, estavam a poupar combustível. A demora não lhe dava esperança; aliás, não tinha nenhuma; pelo contrário, crescia nele um sentimento de insegurança. De repente, olhou para a direita — para os postes gradeados que desciam rumo à planície.

Subia agora pela rede como um macaco, velozmente, agilmente, enquanto ressoava o clangor do aço contra o aço. Perto do cimo, fora soldada uma plataforma, para permitir que a rede, que cedera sob a geada do Inverno, pudesse ser reparada. Cabos grossos, entrançados com fios de cobre e de alumínio, refulgiam à luz do sol. A separá-lo deles estavam as fitas isoladoras em forma de cogumelo. Aguentariam com o seu peso?

Lançou todo o corpo por cima da barreira e, com os pés afastados, apalpava as bobinas isoladoras. Sendo ovais, não

prestavam qualquer apoio. Ajoelhou-se, agarrou-se com as mãos e arrastou-se a gatinhar, no ar, com um dos três cabos de cobre mesmo ao seu lado. Este era o da corrente eléctrica.

Sem qualquer expressão nos olhos vidrados, agarrou o veio de cobre entrançado, de aspecto pacífico e inocente, e o choque sacudiu-lhe o corpo inteiro. À luz do sol, quase não se apercebeu das descargas; sentiu-as ligeiramente, mas não lhe causaram dano. Desceu e, pendurado pelos braços, iniciou uma bizarra viagem pela inclinação do cabo, controlando a velocidade com a ajuda das mãos. Aquela terrível fricção fazia parecer que as palmas das mãos se incendiavam à medida que ele, com um ruído rangente, deslizava pelos duzentos metros da linha de cobre; na sua parte mais baixa, deixou-se cair, como quem se lança no abismo. No instante em que tocou a erva — não, uma fracção de segundo antes —, a carga eléctrica que absorvera fê-lo embater na terra com um salto dardejante. Estremecendo, contorcendo-se e tremendo sob a força arrebatadora que o encheu momentaneamente de um fogo que parecia queimar-lhe o crânio endurecido e entorpecido pelo calor, tombou para o lado de tal modo que rebolou, arranhando e rasgando a vegetação em convulsões que se tornavam cada vez mais fracas. Por fim, recomposto, levantou a cabeça, subitamente vazia, estranhamente leve, mas agigantada. Só a cabeça. Pareceu-lhe que, entre os caules das ervas, lá no alto, e à distância de cerca de três quartos de milha do cume, surgiam umas figuras pequeninas, talvez cães, talvez pessoas.

Fosse como fosse, podia ser uma ilusão, porque se sentia ainda sobreaquecido, e os olhos continuavam a tremular-lhe. Sem tentar pôr-se de pé, enrolou-se como uma bola e desceu a rebolear pelo declive mais íngreme. No local onde caíra, a erva estava certamente chamuscada — talvez os cães não encontrassem logo o rasto. Rebolou e rebolou, com os braços e as pernas encolhidos; parecia um tronco a girar vertiginosamente — preto, verde, azul, preto, azul, a terra despida lampejava por entre tufos de ervas,

com o pano de fundo do céu azul pelo meio. Foi travando cautelosamente. Não se levantou de imediato — tinha os antebraços, os cotovelos e as costas das mãos salpicados de algo vermelho como sangue; examinou-os — de quem era aquele sangue?

Eram bagas silvestres. Centenas delas tinham rebentado; ao levantar-se, esmagou mais alguns cachos carnudos, ainda intactos. Baixou o olhar e ajoelhou-se — naquela posição, assemelhava-se a um animal de grande porte, cuja cor e o corpo coberto com tufo de ervas, resina e sumo de arandos-vermelhos tornavam bizarros. Lançou um olhar mais atento a algumas daquelas pequenas esferas vermelhas sobreviventes entre folhas enroladas e, por instantes, pareceu que ia deitar-se e ficar ali, sem fazer nada, ficar ali apenas. Mas levantou-se de um salto e continuou a correr. Duzentos metros de deslocação pelo ar: os cães perderam o rasto. Parou novamente atrás de um poste de aço para que os localizadores não o detectassem, mas isto foi estúpido da sua parte. Os cães começariam a dar voltas em torno do lugar onde o seu rasto desaparecera, fariam círculos em redor, ganinhando, até encontrarem o sítio queimado; e, se não o encontrassem, as pessoas viriam e pô-los-iam novamente no seu rasto.

Agora acelerava ao longo da orla da floresta, embora se apercebesse de que tinha escolhido o pior caminho possível, porque precisamente onde a coloração cinza-azulada da floresta acabava, o vale era diferente dos demais. A reserva terminava algures ali perto. Distinguiu os traçados coloridos das estradas, os viadutos brancos e limpos que cruzavam com leveza espaços entre rochas calcárias, as bocas escuras dos túneis e, envoltas na névoa azulada do ar abismal, as casinhas dispersas pelas colinas, cada uma lançando um fiozinho em direcção à fita da estrada. Continuou a correr, porque não podia voltar atrás. O vento — que era bom, porque o empurrava e levava o seu cheiro para baixo, para longe dos cães — trazia agora um latir incerto, não o chamamento furioso e febril, mas um ladrar intermitente, estridente e inseguro. Tinham chegado ao sítio onde ele escalara à plataforma.